



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CAMILA JUSTINO MIGUEL DA COSTA

**CRIANÇA-FLOR NA ARIDEZ DO ASFALTO: IMAGENS DA
INFÂNCIA NA OBRA *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

JOÃO PESSOA

2022

CAMILA JUSTINO MIGUEL DA COSTA

**CRIANÇA-FLOR NA ARIDEZ DO ASFALTO: IMAGENS DA
INFÂNCIA NA OBRA *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras, do Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como
requisito para obtenção da Licenciatura plena
em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Franciane Conceição
da Silva

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838c Costa, Camila Justino Miguel da.

Criança-flor na aridez do asfalto : imagens da
infância na obra Olhos d'água, de Conceição Evaristo /
Camila Justino Miguel da Costa. - João Pessoa, 2022.
49 f.

Orientadora : Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2022.

1. Autora Negra. 2. Violência. 3. Infância Negra. 4.
Ferocidade Poética. 5. Crianças-flores. I. Silva,
Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-34(6:81)

CAMILA JUSTINO MIGUEL DA COSTA

**CRIANÇA-FLOR NA ARIDEZ DO ASFALTO: IMAGENS DA
INFÂNCIA NA OBRA *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras – Língua Portuguesa, da Universidade
Federal da Paraíba — UFPB, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada
em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Franciane Conceição da Silva (UFPB-DLCV)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB--DLCV)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Mirian Cristina dos Santos (UNIFESSPA)
(Examinadora)

Prof^a. M^a. Thaíse de Santana Santos (UFF)
(Examinadora suplente)

*À todas as crianças-flores e suas famílias que desfalecem
vítimas do racismo engendrado em nossa sociedade.*

“ceis” já pararam pra ouvir alguma vez os sonhos dos menino?”.

(Luz Ribeiro)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, sem Ele eu não teria chegado à conclusão deste trabalho. Ele foi minha companhia, o meu melhor amigo nesse processo e em diversos momentos da minha vida. Obrigada Senhor, toda a glória a ti.

À minha mãe, Maria Auxiliadora, o meu pai, Edvan Miguel, e o meu irmão Lucas, que sonharam comigo o meu ingresso na universidade e a realização deste trabalho. A vitória é nossa! Amo vocês.

À minha tia Penha que faleceu em 2020 (*in memoriam*). Ela foi a primeira professora da minha família, seu legado me inspira.

Às professoras, Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne e Mirian Cristina dos Santos, integrantes da Banca Avaliadora, por aceitarem o convite de examinarem o TCC, enriquecendo a minha pesquisa com suas importantes contribuições.

Por fim, agradeço a minha professora e orientadora, Franciane Conceição Silva, por ter me acolhido em suas aulas, atentando-se para as minhas inquietações, alegrando minhas manhãs com sua simpatia e poesia. Agradeço pela maneira empática e afetiva com a qual trata a todas/os nós, alunas e alunos. Agradeço por ter me dado a oportunidade de participar do projeto Palavra-Corpo e me ajudado a me descobrir enquanto pesquisadora.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as múltiplas violências contra crianças negras, encenadas nos contos “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Lumbiá”, extraídos da obra *Olhos D’água* (2015), da escritora Conceição Evaristo. No decorrer do trabalho, apresentamos o conceito de criança-flor, pois constatamos que essas personagens infantis negras costumam ter um ciclo de vida curto, bem como as flores. Para embasar as argumentações desenvolvidas, discorreremos sobre o que Silva (2018) categoriza por Ferocidade Poética, que consiste na forma singular como as escritoras negras brasileiras encenam a violência em seus textos. Além do conceito desenvolvido por Silva, nos apoiaremos nas contribuições de Pessanha (2018) e Reis (2021) que estudam o necropoder e a necroinfância; Candido (1968) e (2010) na perspectiva de estudar a construção dos/das personagens, cenários e enredos que refletem a realidade social; Gouvêa (2005) que analisa em uma ótica historiográfica as questões do silenciamento e a caricatura das/os personagens negras/os na literatura canônica; do intelectual e psiquiatra Fanon (2008) que debate sobre o racismo e o impacto dessa violência que gera o adoecimento psíquico. Essas discussões serão desenvolvidas em diálogo com as pesquisadoras e intelectuais Franciane Conceição da Silva (2018) e Mirian Cristina dos Santos (2018) que abordam a perspectiva da violência como personagem nas narrativas de Conceição Evaristo.

Palavras-chave: Autora negra; Violência; Infância negra; Ferocidade Poética; Crianças-flores.

ABSTRACT

This research aims to analyze the multiple violence against black children in the short stories “*Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*” and “*Lumbiá*”, extracted from the book “*Olhos D’água*” (2015), by the writer Conceição Evaristo. We present the concept of ‘flower-child’, as we find that these black children's characters usually have a short lifetime, as well as flowers. To support our arguments, we will the conception of Poetic Ferocity (SILVA, 2018), which consists of the unique way in which black Brazilian female writers stage violence in their texts. In addition to the concept of Silva (2018), we will rely on the contributions of Pessanha (2018) and Reis (2021) who study black power and black childhood; Candido (1968) and (2010) from the perspective of studying the construction of characters, scenarios and plots that reflect social reality; Gouvêa (2005) who analyses the issues of the silencing and caricature of black characters in canonical literature from a historiographical perspective; the psychoanalyst Freud (2006) who discusses mourning and melancholy; the intellectual and psychiatrist Fanon (2008) who discusses racism and the impact of violence that generates mental illness. These discussions will be developed in dialogue with the researchers and intellectuals Franciane Conceição da Silva (2018) and Mirian Cristina dos Santos (2018) who address the perspective of violence as a character in the narratives of Conceição Evaristo.

Keywords: Black author; Violence; black childhood; Poetic Ferocity; Flower-children

.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	15
1. A Personagem criança negra na Literatura Canônica.	15
1.1. A bala é perdida, mas nunca erra o alvo: negra-flor na imensidão do asfalto.....	18
1.2. Espelho negro de imagem-semelhança: flor-criança em busca do Deus-menino	26
CAPÍTULO II.....	34
2. Uma análise comparativa das personagens crianças nos contos <i>Zaíta</i> e <i>Lumbiá</i>	34
2.1. <i>Zaíta</i> e <i>Lumbiá</i> : crianças-flores na ficção de Conceição Evaristo	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

“Ele assistia as bocas descolarem para oferecer a flor¹”. “Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor...”² Esses trechos...esses personagens.... Considero como meu ponto fraco ou será forte? Lumbiá e Zaíta são personagens que me emocionam toda vez que escrevo ou falo sobre eles/as, inclusive, quando escrevo neste momento. O ofício de contar o que eu sinto e como foi o processo de escrita deste trabalho me desafia pelo confronto de sentimentos que me remói por inteira, planejei me esconder e ser a pesquisadora mais técnica e que honrasse a riqueza que estava em minhas mãos: a literatura mais bonita que já li na vida. Por ser uma mulher branca, muitas vezes me perguntei se era digna de pesquisar uma literatura que representa a conquista, o grito que foi abafado por séculos de tantas pessoas negras do nosso país. No entanto, como deixar de lado a literatura mais bonita que li na vida? Lumbiá, o erê menino me chamava como uma missão. Zaíta tão machucada pela vida, quando a acessava nas minhas leituras, conseguia entender como dói se sentir sozinha, invisível, já chorei nas madrugadas apoiada no travesseiro. Por dores diferentes, entretanto que dói, similarmente.

Com o apoio da minha orientadora e professora, Franciane Conceição da Silva, resolvi pesquisar e escrever apontando a violência contra esses corpos de “crianças-sonhos”. Foi a professora Fran, como costumo chamá-la, e minha mãe, a pessoa mais guerreira e generosa, que me inspiraram a ser mais corajosa e que me acolheram, quando assim como Zaíta, eu sentia medo de que não desse certo e elas diziam: “Vai dar certo”. A professora Fran é uma pessoa real, Lumbiá e Zaíta são palavras-corpo que me fizeram ser uma pessoa melhor, foram responsáveis pela minha desconstrução. Sou muito grata por trilhar caminhos sem perceber bem o porquê, lembro que em uma das orientações, a professora Franciane me perguntou quais os motivos que estavam me mobilizando a pesquisar sobre crianças negras que são violentadas nos contos de Conceição Evaristo. Eu fiquei em silêncio e ela mesma me respondeu: “Acho que tem muito de Lumbiá em você”. A professora Franciane acertou em cheio, eu era na minha infância e adolescência a menina mais romântica, adorava flores, tanto que em todos os casamentos eu pego o buquê e sou daquelas que se intrometem entre os casais que nem o Lumbiá, mas, com o tempo, eu não conseguia mais sorrir, me percebia cheia de ausências, pois acreditei em muitas vozes que diziam que eu tinha que mudar e na tentativa de mudar fui ficando sozinha. Lembrava-me do meu avô falecido, que me amava como eu era. Meu Avô se chamava

¹ EVARISTO,2015, p.81/82.

² EVARISTO,2015, p.76.

Severino Justino, e eu normalmente não era chamada só de Camila nos âmbitos sociais. As pessoas costumavam me chamar de Camila Justino e esse nome “viralizou”. Quando o meu avô era vivo, eu achava estranho ser chamada de Camila Justino, mas gostava. Contudo, entendo que esse nome já me honrava, atualmente por ter consciência da importância e do legado do meu avô que era um homem negro, inspirador e que me amava imensamente, carrego com muito orgulho o seu sobrenome.

Angustiada e cheia de vazios, fui em busca dos meus sonhos, assim como Lumbiá, e alcancei o meu maior objeto-tesouro de amor, o Deus-menino, a minha fé. E foi essa fé que me impulsionou a escrever sobre violência contra as crianças negras na Literatura Negra e no Brasil contemporâneo. Prometi para Deus e para mim mesma que eu ia defender o legado do meu avô e que iria honrá-lo analisando textos da literatura mais bonita que já li. Quando eu analisasse cada gesto de Lumbiá, eu teria a certeza de que meu avô estaria ali, me ajudando a ouvir a voz de tantas crianças negras, tantas Zaítas e Lumbiás que partiram precocemente, vítimas de uma sociedade racista. Quanto a mim, decidi nesse processo lutar contra qualquer ato que possuía o poder de oprimir e aprisionar qualquer ser humano. O pesquisador e intelectual Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (2008) afirma para nós, leitoras/es, que o seu desejo era sinceramente levar seu irmão “negro ou branco a sacudir energicamente o lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão” (FANON, 2008, p. 29). Quando eu li esse trecho, tive a certeza de que queria ser um instrumento contra o racismo em minhas pesquisas e na vida.

Feitas essas considerações iniciais, falarei a seguir sobre a importância da literatura na sociedade. Discussão que considero importante para o fundamento desse trabalho. A literatura é um fenômeno artístico que por intermédio do poder da palavra encena a realidade social. De acordo com Antônio Candido (2010), as vivências dos/das autores/as estratificam no cunho fictício suas ideologias sobre determinadas questões sociais na voz narrativa. Os personagens na arte literária são responsáveis por transmitirem as dores e os anseios humanos construídos pelos/as escritores/as: “Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor.” (Candido, 1968, p. 52). Segundo Almeida (2007, p. 214), a tentativa de definir essa arte é tão antiga quanto sua existência e reverbera uma “Força que domina [...] o grito que chama e evoca.” A literatura por esta razão possui o poder de conscientizar e denunciar males sociais, bem como reforçar.

Diante da consciência do poder que a literatura possui, esta pesquisa tem como objetivo denunciar a violência contra as crianças negras no Brasil, visto que, segundo Reis (2021) mais

de 70% das crianças que são assassinadas por armas de fogo são negras: “isto é, pretas ou pardas.” (Reis, 2021, p. 16) e são elas as que mais sofrem discriminações, humilhações, desconfianças e perseguições policiais. Para isso, selecionamos os contos “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Lumbiá”, de Conceição Evaristo, extraído da obra: *Olhos d’água* (2015). A escolha dos textos produzidos por Conceição se deve ao fato de constatararmos que no seu ofício de narrar, ela apresenta um olhar mais sensível sobre a violência lançada contra os corpos mais vulneráveis, numa sociedade engendrada pelo racismo. Segundo a pesquisadora e professora Franciane Conceição da Silva, Evaristo e a maioria das autoras negras brasileiras escrevem:

[...] no intuito de impedirem a nossa brutalização. A escrita dessas autoras é uma escrita de insatisfação com a realidade (im)posta. É a escrita da Ferocidade Poética. Uma escrita que, ao contar histórias de personagens submetidas à violência desumanizante, tenta resgatar a humanidade adormecida em nós (SILVA, 2018, p. 169).

Esse movimento contemporâneo das autoras negras que declaram que a sua arte é inspirada por tudo o que observaram nos subúrbios, nas comunidades, traz para a literatura brasileira o conceito de *escrevivência*, cunhado por Conceição Evaristo. Autoras negras como Miriam Alves, Cristiane Sobral, Geni Guimarães, Elizandra Souza, Taylane Cruz, Conceição Evaristo, entre tantas outras, exploram os recursos poéticos nos romances e contos que encenam a violência contra os corpos negros. É importante frisar que essas escritoras constroem o protagonismo para personagens negras de diferentes gêneros, classe econômica, orientações sexuais e faixas etárias. Personagens negras vivenciando a infância aparecem com frequência nos textos poéticos e ficcionais de Conceição Evaristo, o que podemos considerar uma evolução na Literatura Brasileira voltada para o público adulto, isso porque há poucos/as autores/as, especialmente brancos/as, que tiveram a sensibilidade de dar protagonismo à personagens crianças em seus textos, ainda mais, quando se trata de crianças negras.

Para embasar este trabalho, utilizaremos como principais aportes teóricos: os estudos de Antonio Candido em: *A Personagem de Ficção* (1968) e *Literatura e Sociedade* (2010), Tânia Franco Carvalhal (2006) em *Literatura comparada*, que debate a importância do pesquisador realizar análises comparativas, do sociólogo francês Pierre Bourdieu em *O poder simbólico* (1989), Lucio Boechat no capítulo “Espiritualidade e Qualidade de vida: Uma visão psicanalítica” (2004), do psicanalista Sigmund Freud em *Luto e melancolia* (2006), do pesquisador e intelectual Frantz Fanon na obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008), dos filósofos: Elizeu Amaro de Melo Pessanha, na dissertação de mestrado: *Necropolítica &*

epistemicídio: as Faces Ontológicas da Morte no Contexto do Racismo (2018), e Diego dos Santo Reis, no artigo “Á prova de balas? necroinfâncias cariocas, violência de estado e filosofias da rua” (2021). Contaremos ainda com as contribuições das pesquisadoras e intelectuais negras Franciane Conceição da Silva na tese doutorado: *Corpos dilacerados*: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras (2018) e Mirian Cristina dos Santos, na tese de doutorado: *Intelectuais Negras*: Prosa negro-brasileira contemporânea (2018). Em suma, o presente trabalho será dividido em dois capítulos, sendo o primeiro focado em analisar a obra: *Capitães da Areia*, do romancista Jorge Amado, e o Conto *Negrinha*, do escritor Monteiro Lobato, com o intuito de averiguarmos a descrição e construção racista direcionadas às personagens crianças negras, encenação violenta exercida e legitimada pelo cânone literário. Analisaremos, em seguida, os contos “Zaíta esqueceu de Guardar os brinquedos” e “Lumbiá”, ambos extraídos da obra *Olhos D’Água* (2015), de Conceição Evaristo, apontando as múltiplas violências direcionadas aos corpos das crianças negras. No segundo capítulo, realizaremos uma análise comparativa das personagens protagonistas dos contos, explicando o porquê dessas personagens serem consideradas crianças-flores que desfalecem na aridez do asfalto. Nas considerações finais, discutiremos a importância da escrita das autoras negro-brasileiras e realizaremos uma breve comparação entre as personagens crianças, negras, apresentadas pelos autores canônicos em relação às tecidas por Conceição Evaristo.

CAPÍTULO I

1. A Personagem criança negra na Literatura Canônica.

Entre tantas revoluções operadas pelas escritoras negras brasileiras, podemos citar a Ferocidade Poética, conceito criado por Silva (2018), e que discutiremos mais à frente. Na esteira da Ferocidade Poética, destaca-se o modo diferenciado como as autoras negras constroem as personagens negras, valorizando suas subjetividades e humanizando esses corpos, em oposição aos autores canônicos que reproduzem estereótipos negativos na construção de tais personagens, sejam elas crianças ou adultas. Isso fica mais evidente quando comparamos os textos de Conceição Evaristo com o livro *Capitães da Areia* (2005), do escritor Jorge Amado. Nesta obra do autor baiano, os espaços ocupados pelas personagens crianças negras e brancas são bem demarcadas. O grupo Capitães da Areia realizavam furtos nas ruas da Bahia com o objetivo de permanecerem vivo. O protagonismo da obra é dos personagens Pedro Bala e Dora, crianças loiras e que possuíam uma postura de liderança, enquanto os personagens João Grande, Boa vida, Baradão e Sem-pernas eram crianças negras que tinham um comportamento caracterizado como mais agressivo e no caso do Sem-pernas era um personagem inacessível e difícil do leitor se afeiçoar. Uma outra questão é a sua caracterização física que se assemelha ao Saci Pererê, personagem criado por Monteiro Lobato que povoou a imaginação dos brasileiros de diferentes idades, ambos possuíam uma deficiência física e essa deficiência era utilizada para a ridicularização desses personagens. O desfecho do Sem-pernas é frio e comparado a um espetáculo do circo:

Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo. A praça toda fica em suspenso por um momento. “Se jogou”, diz uma mulher e desmaia. Sem-pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro (AMADO, 2005, p. 243).

Os personagens negros em *Capitães da Areia* eram mais sexualizados em comparação aos personagens brancos. Os capitães da areia em comum acordo utilizavam-se da deficiência do Sem-pernas para que ele se infiltrasse nas casas, descobrindo a localização dos cofres e dos bens que eram alvos dos assaltos, em uma dessas casas Sem-pernas conhece a personagem Solteirona que abusava sexualmente do menino: “Sem-pernas levanta estremunhado. Um grande cansaço nos seus membros. Aquelas noites são como batalhas. Nunca é [...] uma satisfação completa [...] Sem-pernas quer fazer o amor completo, aquilo o irrita, faz crescer seu

ódio” (AMADO, 2005, p. 243). O Sem-pernas era o único menino dos Capitães da Areia que não conseguia “o consentimento” de derrubar as meninas negras do arraial. O narrador apresenta essas meninas, chamando as de Negrinhas que eram vistas apenas para o sexo. Pedro Bala personagem protagonista loiro era o que mais derrubava as meninas nas areias da praia:

E o desejo cresceu dentro de Pedro Bala, era um desejo que nascia da vontade de afogar a angústia que o oprimia. [...] Pensava em derrubar a negrinha sobre a areia macia [...] em possuir seu corpo quente de negra. Apressou seus passos, porque a negrinha se desviara da rua que cortava o areal [...] sob os passos deles fazia estremecer de medo o coração da negrinha e de impaciência o coração de Pedro Bala. Mas estava cada vez mais próximo (AMADO, 2005, p. 87/88).

Na cena em análise, podemos perceber que a personagem “Negrinha” é vítima de estupro, no entanto, a denúncia contra a violência sexual acaba perdendo força quando o narrador enfatiza que no momento em que Pedro Bala consegue derrubar a menina ela sente “fios de desejos” que invadem o seu corpo (AMADO, 2005, p. 90). E a briga é apresentada para o/a leitor/a em uma perspectiva interna da menina, que passa a lutar contra o seu desejo. Por fim, Pedro Bala desiste de concluir a violência, mas a ameaça que se a ver pela praia não terá piedade e utiliza-se do seu privilégio de gênero e raça, ainda que seja de tão pouca idade, para levar “Negrinha” para longe da praia, pois sabia que nos areais ela era alvo fácil para ter seu corpo violado, no entanto, continua se comunicando de maneira agressiva com a menina:

-Vou te levar para um malandro não lhe pegar.
Foram os dois e ela chorava. Ele quis pegar na mão dela, ela não deixou e se afastou dele. Ele tentou novamente, novamente ela retirou a mão. Então ele disse:
-Que diabo é isso?
E foram de mãos dadas. Ela chorava e aquele choro foi angustiando Pedro Bala, [...] apressou o passo para chegar quanto antes ao começo da rua. Ela soluçava e ele falou com raiva:
-Que foi que tu teve? Tu não teve nada... (AMADO, 2005, p. 91)

A brutalidade que podemos observar no trecho destacado acaba por apresentar a violência pela violência, dando margem para que de acordo com a narração possa ser apreciada ou erotizada. Assim como Jorge Amado descreveu com um tom racista a personagem perseguida por Pedro Bala, nomeando-a pejorativamente de “Negrinha”, Monteiro Lobato assim também nomeia a personagem protagonista do conto “Negrinha”, narrando a história da menina que tinha sete anos, era órfã e violentada diariamente pela patroa, Dona Inácia, mulher possuidora do prazer sádico de maltratar a personagem criança:

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o

sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões à uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor! (LOBATO, 2014, p. 341).

Essas eram as inúmeras violências cometidas pela agressora da personagem Negrinha. É importante frisar que no decorrer do conto a voz narrativa que deveria denunciar essas violências, humilha a personagem criança com o mesmo requinte de crueldade operado por Dona Inácia. A impressão dada sobre o narrador desse conto fixa no fato de que ele era cúmplice das atrocidades da personagem Inácia. Isso se confirma quando dentro do enredo, o narrador autor reproduz essa fala racista:

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma – na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca – preparatório, e o momento dos filhos – definitivo. Depois disso, está extinta a mulher. Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano (LOBATO, 2014, p. 345).

A protagonista desfalece em meio aos devaneios das bonecas loiras que se tornam objetos de opressão, a ausência dessas bonecas reforça a tristeza e os traumas da menina que possui “tatuagens” da agressão realizadas por Dona Inácia. No entanto, o que mais é agressivo (*se isso consegue ser possível*) é a narração irônica ao retratar as torturas e a morte da personagem menina. Essas ironias podem ser visíveis quando o narrador se refere às meninas loiras e brancas como “anjos do céu”, enquanto a personagem Negrinha é chamada de “sem alma” e “mendiga”. As meninas, anjos do céu, quando entram na história acabam tendo mais voz e são responsáveis por encerrar o conto: “E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas. – “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?” Outra de saudade, no nó dos dedos de Dona Inácia. “– Como era boa para um cocre!” (LOBATO, 2014, p. 246). Outra sensação dada pela voz narrativa é o sabor que ele descreve a violência endereçada ao corpo da menina negra e o sadismo da personagem Inácia.

Segundo a pesquisadora Maria Cristina Soares de Gouvêa (2005): “Nos textos [...] produzidos entre 1900 e 1920, o negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial” (GOUVÊA, 2005, p. 83). A pesquisadora também faz referência a concepção racista adotada no período literário modernista, afirmando que as personagens crianças e adultas negras nesse movimento literário eram tratadas de formas

místicas, resgatando a cultura africana, entretanto, de forma pejorativa, enclausurados nas florestas, afastados dos cenários principais, junto com os animais, esses personagens de acordo com Gouvêa (2005) eram animalizados e caricatos dificultando a identificação dos leitores (as) como esses personagens. Segundo Gouvêa (2005):

O leitor que os textos produziam era marcado pela identificação com a cultura e estética brancas, ao mesmo tempo que desqualificador da cultura e estética negra. Negro ou branco, os textos acabavam por embranquecer o leitor, ao reiteradamente representar a raça branca como superior (GOUVÊA, 2005, p. 90).

Candido (2010) defende que os/as escritores/as costumam refletir nas suas produções literárias muito de sua visão de mundo e ideologia, nesse sentido, podemos constatar que os/as escritores/as que compõem o cânone literário brasileiro reproduziram e reforçaram o racismo na literatura brasileira. E por esta razão foi preciso que as autoras negras ecoassem suas insurgências, denunciando a violência contra os diversos corpos negros que são violados. Investigando o desfecho das personagens infantis negras na literatura, tanto no cânone como na literatura de “escrevivências”, esses/as autores/as descrevem a morte precoce desses/as personagens. Podemos adiantar que nesta pesquisa todas as personagens crianças que foram e/ou serão citadas são vítimas de morte física ou simbólica: Sem-pernas, Negrinha, Zaíta, Lumbiá, Naíta, entre outros/as.

1.1. A bala é perdida, mas nunca erra o alvo: negra-flor na imensidão do asfalto.

Costumamos acreditar que os corpos alvejados por tiros, descritos pelos veículos de comunicação por “balas perdidas, além de outras manifestações de violências nomeadas por “acidentes”, ocorrem por uma “ironia do destino” que não existem fatores geradores dessas tragédias, no entanto esse sofisma impregnado tece uma rede de impunidade operada pelo Estado, pela Mídia e pela população em massa que passa a ignorar essas notícias sendo banalizados então, por toda a sociedade. Segundo a professora e pesquisadora, Franciane Conceição da Silva (2018):

O nível de incômodo da população em relação à morte de algum indivíduo vai depender da maneira como a Mídia irá fazer a cobertura do fato. Essa morte será divulgada (ou não), de acordo com a condição específica da vítima: classe social, gênero, raça, orientação sexual, nacionalidade, dentre outros. No Brasil, a morte de alguns indivíduos, como os jovens negros, pobres e moradores da periferia, normalmente, não gera notícia ou qualquer comoção. Isso é tão verídico que o sociólogo Julio Jacob Waiselfisz, coordenador do *Mapa da Violência*, afirmou que estes jovens estão enquadrados na categoria dos “corpos matáveis”. A violência sobre essas vidas precárias é legitimada pela sociedade [...] (SILVA, 2018, p. 97).

Por esta razão, Conceição Evaristo (2015), no conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” encena essas violências tidas por “acidentais”, praticadas contra corpos negros com o propósito de utilizar o poder que a literatura possui para denunciar as múltiplas violências e outros males na sociedade. De acordo com Silva (2018), a violência encenada pelas autoras afro-brasileiras

[...] pode ser entendido como uma manifestação política dessas autoras. Ao fazer os leitores entrarem em contato com a dor cotidiana de corpos invisibilizados e que não geram notícias nos jornais, elas buscam, através dos textos literários, pensados dentro de uma estética, mas que vai além dela, trazerem novas enunciações (SILVA, 2018, p. 166).

Zaíta é uma personagem criança que sofre o dilema de encontrar a sua figurinha preferida, a figurinha-flor. A personagem mora em uma comunidade com sua mãe Benícia, sua irmã Naíta, e seus dois irmãos que a história não revela os nomes, sendo um deles, o segundo irmão, integrante de um dos grupos de tráfico que disputam o comando da favela. O conto é inaugurado com a voz da narradora retratando a agonia vivenciada pela personagem menina que na ânsia de encontrar seu objeto perdido espalha os brinquedos, procurando a sua figurinha-flor. Zaíta é uma criança negra que busca se encontrar no mundo. Conseguimos perceber que a menina, apesar de ter a companhia da sua irmã, sentia-se solitária, por esta razão avançava em busca de algo que foi projetado para preencher o vazio do seu interior, essa projeção efetua-se na figurinha-flor descrita no conto como: “[...] a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores” (EVARISTO, 2015, p. 71). As irmãs sentiam que exalava um doce perfume da figurinha-flor, por esse motivo disputavam a posse da figurinha.

Embora as duas irmãs possuíssem uma expressiva semelhança física, suas personalidades divergiam: “Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento” (EVARISTO, 2015, p. 72). Podemos atentar para outra divergência entre as duas irmãs: A Zaíta possuía uma maior perspicácia para identificar o que acontecia nos arredores em comparação a sua irmã:

Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa. Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe por que o irmão estava tão aflito e se a arma era de verdade. A mãe chamou a outra menina e perguntou-lhe se ela tinha visto alguma coisa. Não, Naíta não tinha visto nada (EVARISTO, 2015, p. 72).

Por ser tão consciente das violências perpetuadas no local em que reside, a menina desenvolve o que o pesquisador e psiquiatra Frantz Fanon (2008) denomina por Fobia. O psiquiatra comprovou que a fobia é um transtorno que acomete com mais frequência as pessoas negras. Em virtude de esses corpos serem mais propensos a violação, seja em ambientes dominados pela branquitude ou por estarem em locais, podemos citar as favelas, onde a violência é generalizada. Essa certificação de Fanon (2008) é tão verídica que a personagem-criança descrita pela onisciência da voz narrativa era invadida repetidamente pelo medo: “Ela se achegou mais para junto da mãe. [...] O calor dos corpos da mãe e da irmã lhe davam certo conforto. Entretanto, não conseguiu dormir mais, tinha medo, muito medo [...]” (EVARISTO, 2015, p.73). Os tiros ouvidos pela menina Zaíta trucidava a sua paz, as noites eram tensas e o colo da sua mãe era o seu único consolo, entretanto, a mesma figura que lhe transmitia conforto, às vezes, lhe provocava medo. Benícia, a mãe de Zaíta, nome este que diz muito da personalidade da mulher que se sacrificava para sustentar sozinha as duas filhas e os filhos, em algumas ocasiões, se sentia aflita e angustiada diante de tantas misérias, solidão e sensação de abandono:

A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguia comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. [...] Havia também o aluguel a taxa de água e de luz. Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco. (EVARISTO, 2015, p. 74-75)

Diante dessa situação que gerava altos graus picos de estresse, Benícia, em vários momentos, descontava suas angústias nas filhas: “Zaíta olhou os brinquedos largados no chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isto acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida de pobre, dos filhos, principalmente do segundo.” (EVARISTO, 2015, p. 74). Segundo Fanon (2008) o fóbico: “é um indivíduo que obedece às leis da pré-lógica racional e da pré-lógica afetiva: processo de pensar e de sentir que relembra a época em que se deu o acidente causador da insegurança” (FANON, 2008, p. 137). O medo se instaura na vida de Zaíta na medida em que seus pensamentos retomam as lembranças das surras e dos pipocos das balas de madrugada.

É importante ressaltar que a voz narrativa não relata no conto apenas a opressão sofrida por Zaíta, pelo contrário, somos apresentadas/os às múltiplas violências sofridas por outras (os) personagens que moram na comunidade: “Mais um tiroteio começava. Uma criança antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer.

Um dos contendores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto para que Zaíta procurasse abrigo” (EVARISTO, 2015, p. 76) Conseguimos compreender a violência ferindo e desestruturando as vidas reclusas nesse espaço que se torna palco para as trocas das balas da morte. Bem como a generosidade, as diversas tentativas realizadas pelos (as) personagens que estão nesse tiroteio tentando salvar a vida da protagonista do conto. Antonio Candido nos seus estudos sobre *A Personagem na Ficção* (1968) explica que:

[...]quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (CANDIDO, 1968, p. 51).

Partindo dessa perspectiva de que as personagens refletem os problemas apresentados pelas condições do ambiente, podemos inferir que o local em que Zaíta está fixada é evidenciado por Conceição Evaristo no intuito de denunciar a violência hierarquizada na sociedade. Essa violência nivelada, cravada no corpo social, é classificada segundo Bourdieu (1989) por violência simbólica, que se manifesta de modo invisível sem que as vítimas percebam sua atuação. Segundo Silva (2018), a violência simbólica contribui para a sustentação e manifestação de muitas outras formas de violência, como a física, psicológica e sexual” (SILVA, 2018, p.33). Conseguimos observar que o conto apresenta um cenário central, a comunidade. A narradora descreve a situação desse local em que Zaíta está inserida: “Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área”. (EVARISTO, 2015, p. 76). A pesquisadora Mirian Cristina dos Santos (2018) afirma que a violência encenada por Conceição Evaristo se faz personagem em suas narrativas. Podemos deduzir que a personagem Zaíta contracenava com a violência presente no ambiente em que ela está situada. O trecho do conto a seguir reforça essa ideia da violência como personagem, conforme defende Santos (2018): “Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão” (EVARISTO, 2015, p. 76). O que nos leva a considerar que a violência é uma personagem antagonista da protagonista Zaíta, tal como em relação aos outros personagens que residem na comunidade devido às suas condições econômicas. Por esta razão são mais vulneráveis a serem submetidos a essas violências. Esses personagens que passeiam pelo conto representam as muitas pessoas reais que são abandonadas pelo Estado nas favelas, sendo submetidas a situações recorrentes de violência, e convivendo

com a sensação constante de medo e vulnerabilidade. Segundo Candido (1968), Foster afirma que um enredo bem escrito e articulado com a realidade segue na construção e concepção que:

[...] a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida.” (CANDIDO, 1968, p. 59).

Podemos identificar a verossimilhança defendida por Foster e Candido (1968) presente neste conto, devido à narração da autora que apresenta uma descrição minuciosa da comunidade, mencionando a presença dos becos que caracterizam o cenário: “Zaíta andava de beco em beco à procura da irmã. Chorava.” (EVARISTO, 2015, p. 74), correlacionado com personagens ágeis, humanos, personagens-crianças que sobrevivem nesse espaço de reclusão:

O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhe dissolviam a vida (EVARISTO, 2015, p. 76).

Notamos que a presença dessas vielas, das crianças que brincam nesses locais e das balas comestíveis as quais costumam ser acessíveis para as crianças, compõe um cenário típico da infância nas comunidades. Conceição Evaristo, nesse trecho, além de retratar esse universo infantil presente nas favelas, denuncia que são as crianças as mais vulneráveis a serem acertadas pelas balas da morte. Percebemos que a autora denuncia o infanticídio com a sua ferocidade poética, por esta razão o leitor é sensibilizado a pensar nas crianças que não fazem parte da ficção, aquelas que os telejornais anunciam que desfaleceram vítimas de “balas perdidas”. Pessanha (2018) apresenta os estudos de Mbembe (2016), que analisa o conceito da necropolítica e do biopoder. Segundo Pessanha (2018), Mbembe (2016) defende que há uma política de morte que age de forma sistêmica, executado pelo simples fato de: “deixar morrer” o que consiste na ausência de políticas públicas que punam os que executam a violência, bem como o escasso amparo daqueles mais vulneráveis a serem alvos de tal ato. Segundo Pessanha (2018):

[...] os mecanismos da política da morte compõem as estruturas jurídicas que acabam por criar uma espécie de licença para matar o corpo Negro. A política da morte avança, e a cada passo ela se torna mais sofisticada. Deixa de se restringir aos perímetros geográficos, como previa o modelo da ocupação colonial tardia, e passa a perseguir de forma cada vez mais pertinente o corpo Negro. Esse corpo se transforma então em um signo de morte ambíguo, pois ao mesmo tempo que é interpretado como uma ameaça, também é o corpo mais exterminável, um corpo que carrega uma historicidade de objetificação, desfiguração ontológica e negligenciamento ético. (PESSANHA, 2018, p. 91).

Podemos constatar que a política de morte é executada nas comunidades devido ao fato de corresponder a um território que desde a suposta pós-abolição passou a ser povoada pela população negra. Esse espaço tornou-se um exílio para os/as negros/as que continuaram o trabalho na casa dos senhores com uma baixa remuneração. Pessanha (2018) afirma que o modelo: “da ocupação colonial tardia, [...] passa a perseguir de forma cada vez mais pertinente o corpo Negro” (PESSANHA, 2018, p. 91). Isso consiste na desvantagem que o/a sujeito/a negro /a possui em sair da comunidade. Segundo o Instituto Locomotiva, em parceria com o Data Favela e a Central Única das Favelas (Cufa), a população negra representa 67% dos habitantes que compõem as favelas. A sociedade então considerou que as comunidades equivalem ao lar da população negra, por esta razão, numa lógica perversa e racista, o Estado negligencia a segurança desses locais. Segundo Pessanha (2018): “O biopoder, como função assassina do Estado, escolhe os que serão deixados para morrer tendo como critério biológico a raça” (PESSANHA, 2018, p.35). O pesquisador reitera que quando o estado não investe nos setores da saúde e segurança exerce o poder genocida que ceifa vidas. No entanto, segundo Pessanha (2008) o estado utiliza-se da: “[...] estratégia de proteção do grupo hegemônico, pertencentes da raça branca, em detrimento daqueles que são deixados para morrer, a raça negra” (PESSANHA, 2018, p. 43). As favelas, como podemos observar, é um território abandonado pelo Estado, é uma terra sem lei, Segundo Silva (2018), os tiroteios são anunciados:

[...] Com tanta recorrência na sociedade, são noticiados em tantos espaços, que passam a ser banalizados; logo, são visíveis, mas invisibilizados. Mesmo que esses atos provoquem perturbações e alterem a normalidade das coisas, os indivíduos se acostumaram a conviver com eles, e ainda que se sintam ameaçados, vão aprendendo a criar mecanismos para não serem vítimas desse tipo de violência. (SILVA, 2018, p.40)

Conceição Evaristo denuncia no conto “Zaíta esqueci de guardar os brinquedos” essa banalização da violência contra a população negra quando narra as/os personagens escondendo-se de cada tiroteio, pontuando que essa prática é rotineira para os que sobrevivem nesse espaço. Outra questão que é importante ressaltar é a construção das/os personagens. Temos a mãe de Zaíta, Benícia, que representam as mães que se angustiam diante do medo de não conseguirem alcançar o sustento financeiro da sua família, a menina Zaíta com o psicológico abalado em um sofrimento que comove o leitor, a irmã Naíta que foge da realidade abraçada aos seus diversos brinquedos, e o irmão de Zaíta, que não é nomeado, mas sabemos estar envolvido com o tráfico. Entre esses integrantes da família da protagonista do conto, a violência é a personagem que os separa. Benícia, vivendo sob pressão contínua, num desespero entre alimentar a família e evitar

que os/as filhos/as fossem engolidos/as pela violência, com um dinheiro que era insuficiente para os cuidados dela e dos seus, além do constante medo dos tiroteios, agia de modo agressivo em algumas circunstâncias: “Sentiu certo temor. Veio andando aflita da cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva” (EVARISTO, 2015, p. 75).

Aprisionado em um espaço de carências e vulnerabilidades, o filho de Benícia é empurrado para o mundo do crime. O menino tentava ajudar a mãe com o dinheiro que ganhava de maneira ilegal. Essa questão causava um conflito interno na mulher: “a mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar com a escolha dele” (EVARISTO, 2015, p. 75).

Podemos constatar que toda a família de Zaíta, assim como o restante das personagens que integram o conto, são vítimas da “violência simbólica” (Bourdieu, 1989), por estarem expostas em um local onde suas vidas e das pessoas que amam podem ser aniquiladas a qualquer momento. No caso de Benícia, o temor que lhe invade acaba se transformando em raiva, revolta e ela acaba por reproduzir contra as filhas a violência da qual é vítima. “A outra menina, Naíta, que estava no barraco ao lado, escutando os berros da mãe, voltou aflita. Foi recebida com tapas e safanões. Saiu chorando para procurar Zaíta” (EVARISTO, 2015, p. 75). Benícia reproduz a violência, posto que a presença dela seja constante nos seus arredores, tornando-se uma forma de comunicação, de sustento, fuga e defesa. Segundo Silva (2018):

Na concepção de Bourdieu, os mecanismos de propagação da violência simbólica são tão bem engendrados e provocam mudanças tão profundas nos corpos de suas vítimas, que elas acabam criando uma predisposição para serem violentadas e também reproduzirem a violência. Contudo, para que as vítimas da violência simbólica internalizem esses atos violentos, elas passam por um longo processo organizado pelas estruturas de dominação (SILVA, 2018, p. 35).

Zaíta e sua irmã Naíta estão começando a compreender as opressões que as cercam no período inicial de suas vidas e como defesa emocional de ambas ignora a existência do perigo que as cercam, pois querem viver a sua infância. As meninas são criadas num espaço de muita violência e buscam encontrar refúgio nos seus brinquedos, criando uma afeição especial pela “figurinha-flor”. As irmãs entram numa disputa pela posse da figurinha que lhes serve de refúgio. Zaíta, numa tentativa desesperada de resgatar a figura e, ao mesmo tempo abafar a sua dor, sai andando pelos becos da favela com uma sinestesia de pensamentos que apaga todos os seus sentidos: “Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores, malditas, ervas daninhas suspensas

no ar.” (EVARISTO, ano, p.76).

Há na narrativa de Conceição Evaristo um recurso utilizado pela literatura para antecipar um fato que ocorrerá a seguir, conhecida por prolepse. No caso deste conto, esse recurso foi empregado para suscitar no leitor a tensão da morte, identificamos essa pista da tragédia que irá abater Zaíta no trecho a seguir:

Onde as duas haviam se metido? Por que tinham deixado tudo espalhado? Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados (EVARISTO, 2015, p. 75).

A tensão de que a morte está rondando a menina Zaíta continua ocorrendo no decorrer da narração que se encaminha para o desfecho da história. O leitor então percebe que Zaíta em meio aos tiros, adentrando entre os becos e vielas em busca da figurinha-flor estão entrando na realidade em um labirinto da morte, personagens entram em cena tentando salvar Zaíta, no entanto a menina nada ouve, nada vê, enquanto isso, sua mente processa inúmeras informações. Quando, de repente, Zaíta é atingida por balas que “fizeram círculos no corpo da menina” (EVARISTO, 2014, p.76). Segundo Pessanha (2018), o necropoder assassina corpos e mentes, é uma violência que age aniquilando o pensamento da pessoa negra, é uma estratégia engenhosa pelo Estado para transformar o outro em uma coisa e inferiorizá-lo perpetuamente. Podemos constatar que pela vida de fome, físicas e simbólicas, dor de perdas e solidão, a mente de Zaíta já estava sendo alvejada, sucumbindo a cada madrugada. Zaíta não consegue mais lutar para sobreviver, sua mente não assimilava nenhuma informação, a perda da figurinha-flor era o pico da dor do coração de menina que bloqueou seus ouvidos dos tiros, das vozes que ofereciam refúgios, nesse labirinto de desespero, as balas rapidamente encontram um corpo para alojar-se. Silva (2018) afirma que quando pensamos sobre a violência, devemos nos atentar que “ela pode revelar-se de maneira visível e invisível. Pierre Bourdieu considera a violência invisível àquela que se manifesta sem que as vítimas tenham consciência dela” (SILVA, 2018, p. 40). Zaíta por ter sido vítima da violência invisível, cai na armadilha da personagem-violência que agora mostra as suas garras de modo visível:

Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão.
A outra menina seguia aflita à procura da irmã para lhe falar da figurinha-flor desaparecida. Como falar também da bonequinha negra destruída?
Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo:
— Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos! (EVARISTO, 2015, p. 76).

Considerar a violência uma personagem não é um movimento metafórico e abstrato, que Santos (2018) reitera em seus trabalhos, pelo contrário, é uma constatação. A violência neste conto é um monstro, possuidor de garras transparente que prende Zaíta, impossibilitando a sua fuga, cuspidor de balas de fogo no seu corpo frágil e vulnerável. Segundo Pessanha (2018) “O corpo negro é o combustível para geração de lucro do colonialismo, é um corpo usável, descartável e matável.” (PESSANHA, 2008, p. 30). Zaíta é vítima dessa personagem violência antagonista de vários modos, sobretudo, por ser um corpo “matável” e sua morte ser legitimada pela sociedade. Na concepção de Santos (2018), Conceição Evaristo apresenta personagens que são vítimas da violência “por motivos, por vezes banais de forma que a fronteira entre vida e morte apresenta-se de forma tênue” (SANTOS, 2008, p. 104). Para reiterar a sua fala sobre os motivos fúteis que levam uma pessoa negra a perder sua vida, Santos recorre a Fanon que pontua que os corpos negros “[...] nascem em qualquer lugar de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa” (FANON, 2005, p. 55 apud SANTOS, 2018, p. 104). Podemos constatar que Zaíta perde sua vida por nascer e tentar com a ajuda da sua mãe sobreviver em um ambiente negligenciado pela sociedade, por causa do racismo enraizado. Zaíta é uma flor que desabrochou em uma terra invadida pela praga da violência que sucumbe qualquer raiz que se encontra mais próxima do seu alcance.

1.2. Espelho negro de imagem-semelhança: flor-criança em busca do Deus-menino

O conto “Lumbiá” presente na obra *Olhos D’Água* (2015), de Conceição Evaristo, narra a história do menino Lumbiá, que é obrigado a vender doces e flores nos centros urbanos, com o intuito de contribuir financeiramente para o sustento da sua família. Com uma linguagem fluida e poética, Conceição Evaristo revela para o/a leitor /a quem é o menino, vendedor de flores, que exala gentileza e simpatia:

Às vezes, o menino usava outro ardil para impulsionar a venda. Chegava elogiando a mulher, dizia que ela era linda e que os dois iam ser muito felizes. Havia casais que respondiam:

— Será? Estamos terminando agora!

O menino não se dava por vencido. Muito sério respondia:

— Não há grande amor sem problemas! Uma flor, uma rosa na despedida de vocês... (EVARISTO, 2015, p. 81.)

Na narrativa nos deparamos com a inocência da personagem protagonista criança, que perpassa por diversos cenários apresentados no enredo na companhia da sua irmã Beba, do seu amigo Guga e do seu coração de menino carregado de sonhos que são negados pelo contexto

social de pobreza e exclusão que vivenciava, exposto a diversas violências nas ruas da cidade grande, Lumbiá “chorava [...] pelo dinheiro fruto do seu trabalho que tinha sido tomado por um menino maior”. (EVARISTO, 2015, p.82.). Apesar de o personagem Lumbiá ter a companhia dessas crianças que também são vítimas do trabalho infantil, há uma solidão destacada pela autora, causada pela ausência dos familiares que não podiam estar com ele.

Lumbiá atento ouvia todos os comentários e aguardava a oportunidade de visitar a Belém instalada no interior da loja Casarão Iluminado. Havia, entretanto um problema. Estava proibido a entrada de crianças sozinhas e para ele era quase impossível esperar pelo dia em que a mãe pudesse levá-lo, acompanhá-lo até lá. (EVARISTO, 2015, p. 84).

Lumbiá transita mentalmente em cenários idealizados por ele, podemos citar do cenário bíblico aos físicos, que correspondem ao centro da cidade, as ruas enfeitadas com as luzes de Natal, a igreja e o Shopping Center que abarca a Loja Casarão iluminado, esses cenários são expostos pela narradora com o propósito de expor o contraste sociorracial que separa a personagem protagonista nos momentos em que acessava os ambientes que representam o nicho da riqueza da branquitude. Segundo Antonio Candido (2010), a literatura reflete através do trabalho artístico do escritor (a) a realidade social. Por esta razão, pensando na estrutura das obras literárias no geral, podemos considerar que os cenários são responsáveis por contextualizar o círculo social, espelhando situações típicas da rotina cotidiana, integrado à personagens compostos por sentimentos muito humanos, emprestados pela autora.

Adotando a concepção de que os cenários retratam a realidade social, identificamos que os núcleos que Lumbiá percorre no enredo refletem a invisibilidade que Pessanha (2018) pontua ocorrer com os corpos negros, visto que as personagens secundárias no conto pouco dialogam com a protagonista criança. Um ponto relevante a destacar é que não há nenhum questionamento dessas personagens sobre o fato de Lumbiá exercer o ofício das vendas ao invés de comparecer a escola. Constatamos que Conceição Evaristo denuncia esse olhar racista que considera natural que as pessoas negras assumam papéis de servidão, como parte de um contexto cotidiano habitual.

Notamos, então, que esse modo de enxergar da sociedade, consiste na objetificação do corpo negro concebido pela ideia de que os/as sujeitos/as negros/as nasceram para servir. Pessanha (2018) afirma que a exploração dos corpos negros na atualidade consiste na existência da prática que Mbembe descreve por necropoder, que consiste em uma ocupação colonial tardo moderna (PESSANHA, 2018, p. 42). Podemos inferir que o fator determinante que obriga Lumbiá a exercer precocemente o trabalho laboral condiz com a herança histórica da escravidão

no Brasil e a naturalização da branquitude a respeito, que está relacionado com esse comportamento colonial. Por consequência dessa ótica, uma das ações recorrentes do racismo refere-se ao que a pesquisadora Mirian Cristina dos Santos (2018) reitera, ou seja, o ato dos sujeitos brancos ignorarem as pessoas negras em espaços que suscitam uma interação. Podemos observar esse aspecto destacado por Santos no seguinte trecho do conto:

Tinha até um estilo próprio de venda. Ficava observando os casais. O momento propício para empurrar o produto era quando o casal partia para o beijo na boca. Ele assistia as bocas descolarem para oferecer a flor. [...] E quando notava que ela estava toda mole e o homem derretido, o menino se punha quase entre os dois, com a flor em riste, impondo a mercadoria. O Caliente namorado enfiava a mão no bolso [...] às vezes, tão distraído no beija-beija estava o casal que a rosa não era colhida das mãos do menino. E o troco honestamente oferecido ao freguês cansava de esperar na mão do vendedor (EVARISTO, 2015, p. 82/83).

Ainda discutindo sobre o trecho acima, é perceptível identificar a carência emocional que a personagem criança carrega no seu interior. Lumbiá é admirador dos casais que se abraçam e se beijam no centro da cidade, por fazê-lo lembrar o que ele pouco recebe na sua labuta diária: o amor, o aconchego de alguém que o abraça e que o deseje por perto. Fanon (2008) é um intelectual conhecedor da ciência psiquiátrica e por esta razão afirma que as ações do outro vista por alguém geram “a experiência do Desejo” (FANON, 2008. p. 181) desse que observa. Podemos perceber que a voz narrativa dá indício no decorrer de todo o conto do desejo que Lumbiá possuía de ser amado e da angústia que sentia por se sentir abandonado. Fanon (2008) afirma que essa sensação de abandono é recorrente no âmagô das pessoas negras devido a invisibilidade e a exclusão exercida pelo estado, por esta razão o pesquisador utiliza-se da obra de Germaine Guex, *La névrose d’abandon*, para discutir sobre esse sentimento:

A não-valorização afetiva conduz sempre o abandonico a um sentimento de exclusão extremamente doloroso e obsessivo, de não ter um lugar próprio em parte alguma, (...) sobrando em qualquer lugar, afetivamente falando (...) não se pode avaliar suficientemente a intensidade do sofrimento que acompanha tais estados de abandono, sofrimento que é ligado, em parte, às primeiras experiências de exclusão da infância, e faz revivê-las com toda acuidade” (FANON, 2008. p.33 Apud G. Guex, op. cit., p. 35-36.)

O abandono é uma face das múltiplas violências executadas pelo racismo estrutural, segundo Fanon (2008). O intelectual também constatou que os corpos negros são mais propensos a serem violentados pela sociedade: fisicamente, psicologicamente e simbolicamente, por esta razão, são mais propensos a adoecerem emocionalmente na medida que o impacto dos eventos negativos ativa no sistema psíquico dos indivíduos que sofreram violências, os traumas. Fanon (2008) expõe o que Freud aborda sobre esse abalo emocional:

Em quase todos os casos, constatamos que os sintomas, por assim dizer, eram como que resíduos de experiências emotivas, e, por esta razão, as chamamos mais tarde de traumas psíquicos. Sua característica particular se assimilava à cena traumática que os tinham provocado. Conforme a expressão consagrada, os sintomas eram determinados por “cenar” das quais eles formavam os resíduos mnésicos, [...] É verdade que os doentes afastam esses traumas da consciência e da memória, poupando-se certamente de muitos sofrimentos, mas o desejo recalcado continua a subsistir no inconsciente; ele espereita uma ocasião para se manifestar e logo reaparece, mas sob um disfarce que o torna irreconhecível (FANON, 2008, p. 129).

É recorrente em nossa sociedade banalizar as dores nas almas, respaldado pelo preconceito fomentado pela concepção de que essas dores são “irreais”, principalmente na vivência dos /as negros/as. Fanon (2008) ressalva que esta negação incisiva à existência das dores nos corpos negros consiste em mais um mecanismo que fortalece o racismo. Nesse movimento de denunciar as mazelas do racismo, a voz narrativa do conto Lumbiá convoca os/as leitores a observarem que em diversas situações vivenciados por Lumbiá, eram acesos esses gatilhos do abandono e do trauma, visto que o sistema psíquico do protagonista já estava sendo adoecido, pelo meio social em que ele vivia, uma vez que as violências sofridas estavam interligadas à imposição do trabalho infantil e das agressões praticadas pela sua mãe. Esses traumas eram manifestados por Lumbiá, nos momentos em que bem-humorado contava as diversas histórias de sua vida para os seus compradores, surgindo o choro que exprimia a mágoa e as dores camufladas.

Lumbiá tinha ainda outros truques. Sabia chorar, quando queria. Escolhia uma mesa qualquer, sentava, abaixava a cabeça e se banhava em lágrimas. Sempre começava chorando por safadeza, mas em meio às lágrimas ensaiadas, o choro real, profundo, magoado se confundia. [...] enquanto chorava o pranto ensaiado para comover os compradores, contava ora sobre a surra que havia levado da mãe, ora pela mercadoria que estava ficando encalhada [...] E aos poucos, em meio às verdades-mentiras que tinha inventado, Lumbiá ia se descobrindo realmente triste, tão triste, profundamente magoado, atormentado em seu peito-coração menino (EVARISTO, 2015, p. 83).

Apesar do ambiente de exploração e das dores marcadas na natureza de Lumbiá, a personagem criança sobrevivia como as flores plantadas no asfalto. O advento do Natal chega no ambiente urbano onde Lumbiá desdobra-se para realizar a venda das mercadorias floridas e as luzes da cidade enfeitada para essa data comemorativa acende o desejo de encontrar alguma figura que seja como ele, que o compreenda, algum objeto que Lumbiá pudesse amar e que a fizessem a dor do abandono e dos traumas serem amenizados. Segundo Fanon (2008) é assíduo a busca da pessoa negra em encontrar artefatos de identificação, visto que a mídia pouco apresenta a história e a cultura negra em suas plataformas. “[...] assistiremos aos esforços desesperados de um preto que luta para descobrir o sentido da identidade negra. A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2008, p. 30).

Conceição Evaristo traz essa denúncia quando expõe que Lumbiá não gostava do personagem Papai Noel nem na ostentação dos presentes nas vitrines do *shopping center* que ele tinha consciência que provavelmente não receberia de nenhum adulto:

Entretanto, não era esse pirotécnico espetáculo que seduzia Lumbiá. Nem o personagem Papai Noel gordo e feliz, com o seu sorriso envidraçado dentro das vitrines. [...] Dos presentes expostos nas vitrines, principalmente os embrulhados, tinha vontade de apanhá-los e amassá-los. Ficava irritado, sabia que tudo eram caixas vazias. Só havia uma coisa que o menino gostava no Natal. Um único signo: o presépio com a imagem de Deus-menino. [...] Gostava da família, da pobreza de todos, parecia a sua. Da imagem-mulher que era a mãe, da imagem-homem que era o pai. A casinha simples e a caminha de palha do Deus-menino, pobre, só faltava ser negro como ele. Lumbiá ficava extasiado olhando o presépio, buscando e encontrando o Deus-menino (EVARISTO, 2015, p. 83).

No coração do menino Lumbiá o desejo de encontrar seu objeto de amor crescia com o passar dos dias, havia procurado o Deus-menino nas igrejas e já o havia visto nos presépios das redondezas. Entretanto, era na Loja Casarão Iluminado que a mídia anunciava que presépio armado seria o maior e mais iluminado da cidade. Enquanto o tempo corria, a certificação de que não daria tempo de visitar o cenário bíblico angustiava Lumbiá, que já havia feito várias tentativas de entrar na Loja Casarão Iluminado:

Tinha feito várias tentativas de entrar no casarão, o vigilante vinha e o enxotava. O menino não desistia, ficava rondando de longe, adivinhando a beleza de tudo, do outro lado da calçada. Era um entra-e-sai intenso. A televisão e um jornal tinham falado sobre o presépio, que tinha sido feito por um grande artista (EVARISTO, 2015, p. 85).

A interdição contra Lumbiá para acessar a Loja Casarão Iluminado, realizado pelos seguranças, é manifestado devido o personagem criança ser um menino negro. Fanon (2008) afirma que a exclusão social engendrada pelo racismo é tão perversa na sociedade que gera no sujeito/a negro/a o impulso de desafiar os indivíduos brancos/as responsáveis por confiscarem os espaços que são vedados para esses corpos. Por estas repressões segundo Fanon (2008) as pessoas negras acabam arriscando a “própria vida” e consequentemente ameaça o outro na sua presença corporal” (FANON, 2008. p. 181). A “ameaça” que o corpo negro causa, de acordo com Fanon (2008), consiste na forma como a branquitude considera esse corpo uma ameaça de ocupar espaços dominados por brancos/as. Segundo Fanon (2008) diante do receio de compartilhar esses locais, o sistema racista age humilhando e exterminando esses corpos, pautado por uma ideologia racista implantada pelo período colonial. Percebemos na história de Lumbiá o que Fanon (2018) afirmou, os seguranças da Loja Casarão Iluminado impedem a entrada de Lumbiá e o persegue quando a escultura do Menino-Deus está embalada em seus

braços, por consequência de terem assimilado essa ideologia racista. Ao passo que Lumbiá arriscou a sua própria vida em busca de fitar os seus olhos nos olhos do Menino-Deus, havia planejado tudo para esse encontro, dividiria as flores com o Rei Baltazar, o único personagem negro no presépio:

Em sua viagem costumeira do subúrbio para o centro da cidade, se distanciou de Guga e de sua irmã. Tinha flores nas mãos, rosas amarelas. Havia combinado com o amigo que venderia flores, mas aquelas ela daria para o Menino Jesus e também poria algumas nas mãos do Rei Baltazar. Fazia frio, muito frio, era um dia chuvoso. Tinha a roupa colada sobre o frágil corpo a tremer de febre. A Loja já estava para fechar. (EVARISTO, 2015, p. 85).

Apesar das vastas tentativas dos Seguranças de retirarem Lumbiá, o personagem menino não desistia de encontrar a figura do menino-Deus. Fanon (2008) atenta para um mecanismo recorrente da pessoa negra na sociedade, o momento em que o sujeito/a negro/a “perdoa” disfarçando um “esquecimento” sobre uma violência sofrida, para então adentrar em ambientes em que é excluído, Fanon (2008) relata que por experiência própria tentava ocupar espaços negados pelas vozes racistas:

Como assim? No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse (FANON, 2008. p.107).

Podemos notar que Lumbiá concede o “perdão” ignorando as todas as tentativas dos seguranças de afastá-lo do presépio a fim de alcançar o objetivo “Ia arriscar novamente. Em dado momento aproximou-se devagar. Ninguém na porta. Mordeu os lábios, pisou leve e, apressado entrou” (EVARISTO, 2015, p.85). O encontro do menino Lumbiá com o Menino-Deus finalmente acontece de modo mágico.

Lá estava o Deus-menino de braços abertos. Nu, pobre, vazio e friorento como ele. Nem as luzes da loja, nem as falsas estrelas conseguiam esconder a sua pobreza e solidão. Lumbiá olhava. De braços abertos, o Deus-menino pedia por ele. Erê queria sair dali. Estava nu, sentia frio. Lumbiá tocou na imagem, à sua semelhança. Deus-menino, Deus-menino! Tocou rapidamente em seus braços. Chorava e ria. Era seu. Saiu da loja levando o Deus-menino” (EVARISTO, 2015, p.85).

A emoção do menino Lumbiá ao encontrar-se com o menino-Deus é tão intensa, que o personagem menino entra em estado de êxtase, que o personagem menino entra em estado de êxtase. Perdendo os sentidos, ele se perde, então, nos braços do seu amado Jesus-Menino. Emocionado, distraído, Lumbiá sai da loja com o Deus-menino nos braços, disposto a protegê-lo de todos os males do mundo. Para Lumbiá encontrar-se com Jesus em forma de menino era

a libertação das dores da sua alma que o angustiava. Por esta razão, enfrentou as barreiras do racismo imposta naquele ambiente no desígnio de salvar-se das dores oriundas da lida diária que aprofundava a frieza da solidão do seu peito de coração-menino. Lumbiá procurava a cura, no amor em seu semelhante, no objeto que projetasse a sua imagem, não compreendida, e foi no menino-Deus, nu e friorento como ele que o protagonista do conto encontrou esse espelho de amor, confortando suas dores e ausências. Essa conexão de projeção e afeto, da criança Lumbiá e a escultura, ocorrem por meio do abraço, o menino Lumbiá reproduz por este gesto um dos seus maiores desejos, que alguém o protegesse embalando-o nos braços. O menino-Deus era uma representação das muitas ausências que atravessavam o corpo miúdo, solitário e frio do pequeno Lumbiá. Segundo Pessanha: “O processo de desapropriação retira do negro tudo, ele não é dono nem do seu corpo, nem da sua família, é retirado da sua terra e enviado a outros mundos, outras geografias, sem portar absolutamente nada” (PESSANHA, 2018, p. 63). Era assim que Lumbiá sentia-se, desapropriado de amor, procurando esse sentimento na flor-sorriso de alguém, todavia encontrando a indiferença que o angustiava, gerando o vazio que costumava a carregar dentro de si, por onde quer que andasse, até ter em seus braços e abraços o amado Jesus-Menino.

Lumbiá é enviado para outra geografia, a da morte. No momento em que ele estava no seu processo de êxtase e amnésia: “o segurança voltou. Tentou agarrar Lumbiá. O menino escorregou ágil, pulando na rua. O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus Menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu!” (EVARISTO, 2015, p. 85). A criança-flor, não chega nem a desabrochar, e abruptamente é arrancada da sua família, da sua própria vida, dos seus sonhos e dos braços do Menino-Deus.

Para o/a leitor/a constatar que o menino Lumbiá morreu ocorre de modo sinestésico pela construção sintática que Conceição Evaristo teceu no enredo, na medida em que nas duas últimas frases do conto são apresentadas palavras que funcionam como chaves de leituras de elementos que compõem um cenário turbulento. A voz narrativa construída por Evaristo (2015) apresenta nessas duas frases que traz o desfecho do conto os elementos que compõem o assassinato de Lumbiá, o sinal, o carro, a presença de Lumbiá ali, como? *Massacrados, quebrados* (EVARISTO, 2015, p. 86). Essas duas palavras no plural nos passa a compreensão de que o menino Lumbiá, abraçado com a figura do menino-Jesus, foi atropelado, e junto com ele a imagem do Deus-menino também se desfez. Lumbiá e a escultura foram massacrados no chão do asfalto duro e frio. O menino protagonista do conto morre sem ter cometido nenhum crime, ele era inocente, como Jesus Cristo. Talvez o maior crime de Lumbiá, assim como o crime do Menino-Deus, tenha sido o de sonhar e lutar por aquilo que acreditava. Fanon (2008)

afirma que quando uma pessoa negra reivindica seu espaço, essa pessoa “[...] é um preto, não, não é um preto, mas o preto, alertando as antenas fecundas do mundo, bem plantado na cena do mundo, borrifando o mundo com sua potência poética, “poroso a todos os suspiros do mundo” (FANON, 2008, p. 117). Concluimos por meio da análise do conto, que Lumbiá com sua potência de amar, de contar histórias e de protagonizar histórias com as mãos floridas, não sabia que ele mesmo era uma flor, uma frágil e adorável flor. Lumbiá, "criança-flor", massacrado no asfalto realiza sua última respiração, assim como as flores que num piscar de olhos se desfalecem, murchas, no chão.

CAPÍTULO II

2. Uma análise comparativa das personagens crianças nos contos *Zaíta e Lumbiá*

No capítulo anterior, apresentamos a análise literária dos contos: “Zaíta esqueceu de Guardar os brinquedos” e “Lumbiá”, ambos escritos por Conceição Evaristo e extraído da obra *Olhos D’água* (2016), protagonizados por crianças negras que perdem suas vidas por serem vítimas do racismo instaurado e estruturado em nossa sociedade. Ao realizarmos as análises, individualmente, de cada personagem, averiguamos que as personagens crianças possuem semelhanças significativas que denunciam a violência racial. Essa representação é construída de forma singela e sensível por Conceição Evaristo que busca humanizar o/a leitor/a. Carvalho (2006) afirma que comparar é um método natural e imediato de adquirir um juízo de valor em diversas áreas, na literatura quando um pesquisador escolhe comparar produções literárias, essa operação espontânea, torna-se um recurso analítico que proporciona uma exploração adequada de elementos confrontados, sendo ponte para obtenção de resultados na perspectiva de diferenças e semelhanças em amplas esferas que estruturam uma narrativa ou poema.

Por esta razão, neste capítulo discutiremos comparativamente os traços que compõem a caracterização das duas crianças negras protagonistas dos contos, devido ao fato de identificarmos que ambos possuem personalidades singulares e complexas. Segundo Candido, os bons personagens são pensados/as pelos/as romancistas na perspectiva de “criar o máximo de complexidade” (CANDIDO, 1968, p. 56). Desse modo, ao realizarmos a comparação, segundo Candido, encontraremos “[...] o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas” (CANDIDO, 1968, p. 56) nestas personagens de natureza complexa. Assim, focaremos nas semelhanças e divergências que há entre as personagens protagonistas dos contos em análise, tentando construir o conceito de crianças-flores, estabelecido como um dos objetivos desta pesquisa.

Como vimos nas análises do tópico 2, do primeiro capítulo, Lumbiá e Zaíta são mortos, ou melhor, ele e ela são assassinados/as, vítimas do racismo enraizado na sociedade. No entanto, antes do desfecho trágico, a narradora oferece para os/as leitores/as a oportunidade de conhecer os personagens de modo mais íntimo, o que é um movimento recente na literatura, mais recorrente nas produções do movimento literário modernista e contemporâneo. Essa forma de apresentar as personagens protagonistas crianças, ocorre através da narração onisciente da narradora, que falando na terceira pessoa tem total conhecimento dos sentimentos e pensamentos das /os personagens, relatando para quem tem acesso a história os sentimentos e

pensamentos deles/as. Os modos de pensar e reagir de Zaíta e Lumbiá diante da violência consiste no fator que mais os diferenciam e por esse motivo será primeira pauta deste tópico.

Zaíta em comparação à Lumbiá acaba por reagir de modo mais previsível em relação ao círculo no qual ela vive, a personagem é o produto do meio, do medo que é instaurado através do antagonismo da personagem-violência. Visto que, Zaíta possuía uma postura mais retraída e, em determinado momento, apresenta um comportamento alheio das situações que a cercavam “foi andando junto com a desesperança. Tinha o pressentimento de que a figurinha-flor não existia mais” (EVARISTO, 2015, p. 73). Enquanto Zaíta é invadida pela desesperança, Lumbiá, em momento algum, perdeu a esperança de que algo bom pudesse acontecer, permitindo que ele realizasse o sonho de visitar o Deus-menino: “Lumbiá atento ouvia todos os comentários e aguardava a oportunidade de visitar a Belém instalada no interior da loja Casarão Iluminado” (EVARISTO, 2015, p. 84).

Lumbiá apesar de ter gatilhos que eram ativados por causa das lembranças que surgiam das violências executadas pela sua mãe e pela sociedade, nas suas andanças pela cidade grande ainda era capaz de sorrir: “Feliz, Lumbiá e o amigo Gunga depois riam do beijo babado do homem e da mulher” (EVARISTO, 2015, p. 82). Em contrapartida, Zaíta chorava constantemente: “Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. À noite dormiu com a figurinha-flor embaixo do travesseiro. De manhã foram para escola. Como o quadrinho da menina-flor tinha sumido?” (EVARISTO, 2015, p. 72). Segundo Antonio Candido (1968):

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; [...] Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado [...] (CANDIDO, 1968, p. 56).

Podemos observar a complexidade das/os personagens que Conceição Evaristo construiu com maestria e por esta razão suscita questionamentos para os/as leitores/as dos tipos: “Como Lumbiá que executa um trabalho tão pesado e ainda leva surras da mãe consegue ter senso de humor”, “O que levou Zaíta a se afeiçoar tanto à figurinha-flor?”. Atentando-nos para essas características que os diferem e aproximam, conseguimos identificar que a autora tece essas diferenças de personalidades de cada criança-flor no intuito de demarcar suas identidades. Essa estratégia utilizada por Conceição Evaristo ainda é mais perceptível para o/a leitor/a que inicia a leitura lendo cada conto da obra “*Olhos D’água*”. Essa produção possui muitos personagens adultos e ao analisá-las de perto podemos perceber como eles se divergem das personagens crianças. No entanto, os/as personagens adultos/as são também vítimas da

violência nas suas faces simbólica, psicológica, física, sexual, destacando-se a violência racial. Em comum com as personagens crianças, os/as adultos/as estão propensos/as a serem violentados similarmente, visto que, são personagens negros (as), vivendo o dilema de viver o cotiando de uma sociedade racista e antinegros/as.

Retornando a análise sobre os contos que são protagonizados pelas crianças, não temos a imagem delas de modo estereotipado, longe disso, são personagens que pensam e reagem diante da violência de maneira diversa, no entanto, podemos frisar que tanto Lumbiá como Zaíta desenvolveram o trauma, contudo, apenas Zaíta manifesta a fobia, esse quadro, aparentemente, foi desencadeado por ela presenciar inúmeros tiroteios e violências brutais na sua comunidade, além de ser agredida constantemente pela mãe. Outra divergência entre Zaíta e Lumbiá consiste nas circunstâncias que levam os dois à morte. O fator gerador da morte de ambas os protagonistas ocorrem de modo similar, posto que foi em decorrência do racismo estrutural, porém, eles/es sucumbem em ambientes opostos: Zaíta morre pelo fato de residir na favela, local que sofre pela não interferência eficaz do Estado no combate da violência. Segundo Pessanha (2018) os principais parâmetros que exerce o poder de deixar morrer tem como critério a raça, o pesquisador continua a discursão sobre a política da morte expondo o conceito de biopoder criada por Foucault:

Com esse mecanismo da norma o Estado, ou como chama Foucault, a soberania, impõe uma regulamentação que inverte a máxima de controle de “fazer morrer e deixar viver”, quando o poder soberano está focado em determinar a morte do indivíduo; soberania sobre a morte, para o “fazer viver e deixar morrer”, quando o poder soberano foca em prolongar a vida do indivíduo; regulamentação da vida, que é o exercício do biopoder. (PESSANHA, 2008, p. 35)

Os corpos negros sejam eles adultos, jovens, idosos ou de crianças estão longe de serem acobertados pelo exercício do biopoder, há escassas políticas e leis dos estados que protejam essas vidas. Ao invés disso, o estado reforça o preconceito de raça quando notícia que a criminalidade é composta por homens negros e que as mulheres negras são cúmplices de tais atos. Acerca das crianças negras nas narrativas dos telejornais, exaustivamente, é exibido que elas são vítimas de balas perdidas e mesmo que a mídia não possa culpabilizá-las, noticiam como mais um número na estática. De acordo com a reflexão de Silva (2018), os casos de mortes por balas “perdidas” e “acidentes” são sim mencionados nos telejornais, a população e o estado têm ciência do fato, no entanto, pela recorrência de casos, essas violências passam a ser desconsiderados na sociedade, até mesmo naturalizadas. Pessanha (2018) afirma que há uma gama de fatores que propicia os corpos negros a serem violados, além do estado operar estratégias que não permitem que os indivíduos negros saiam da extrema pobreza, sendo estes

fatores métodos para que esses corpos continuem atuando como linha de frente que amortecem as balas perdidas que no “curso natural” supostamente encontrará um corpo negro para ser descarregada. Pessanha (2018) apresenta o conceito de epistemicídio que sustenta esse mecanismo de proteção da branquitude principalmente de classe econômica alta, em contraposição à marginalização das pessoas negras:

O epistemicídio serve como instrumento para embrutecer o negro, embrutecido e condicionado à ignorância a sua ascensão social torna-se cada vez mais distante, pois a estrutura do sistema em que ele se encontra foi programada para absorvê-lo como mão de obra barata mesmo antes do trabalho assalariado. Alijado do processo de formação intelectual lhe resta o trabalho bruto, nas profissões de baixo prestígio e péssima remuneração, quando muito ele é útil para entreter, na música em alguns esportes, na prostituição, resta-lhe também o desemprego e os vícios e a marginalidade, e em todas essas esferas o seu corpo é alvo fácil para ser exterminado. (PESSANHA, 2018, p. 70).

Retomando as/os personagens analisadas em questão, Zaíta é exterminada por ser moradora em uma comunidade, enquanto Lumbiá é morto por acessar um local dominado pela branquitude encenada no conto: A loja Casarão Iluminado, localizada em um *shopping center* na grande cidade. De acordo com Fanon (2008) quando o/a negro/a está “alerta no posto de comando”, governando o mundo com sua intuição, [...] a branquitude não aceita. Segundo o intelectual martinicano, “O branco quer o mundo; ele o quer só para si. Ele se considera o senhor predestinado deste mundo. Ele o submete, estabelece-se entre ele e o mundo uma relação de apropriação” (FANON, 2008. p. 117). Os seguranças da loja não aceitaram a presença do menino Lumbiá em frente ao presépio da loja, a figura negra do menino gerou a não aceitação em dividirem a visão do mágico Presépio de Natal. Fanon (2008) afirma que para o branco o negro é como o irmão mais novo que ameaça roubar todas as atenções, essa disputa instaurada pela branquitude fomentou todo o processo de escravidão e colonização dos africanos executado pela Europa.

Pessanha (2018) assim como Silva (2018) e Fanon (2008) discutem sobre a escravidão e o colonialismo e seus impactos na atualidade. Esses pesquisadores afirmam que o colonialismo foi responsável por hierarquizar e legitimar a exploração trabalhista, sexual, a exclusão, e reclusão, bem como os assassinatos contra pessoas negras. De acordo com Pessanha (2018):

Essa era a situação em que o escravizado se encontrava constantemente, mas do que ter a liberdade totalmente suprimida o escravo estava sempre à mercê dos caprichos do seu senhor; o colono. O seu corpo era um alvo permanente disponível para ser violentado, aviltado e morto. O estado de exceção é também uma estratégia de terror, que é colocada em prática seguindo os métodos da ocupação colonial, [...] (PESSANHA, 2018, p. 38).

Ao se referir sobre o estado de exceção, Pessanha discute sobre a ação do Estado na contemporaneidade que ao negligenciar as medidas protetivas a favor da comunidade negra contribui para a perpetuação do sistema de colonização moderna. Essa revisitação histórica, que é executada nas pesquisas dos autores/as citados/as acima e nesta análise, é um movimento preciso para compreender os fatores que fizeram a comunidade negra se espremer nas favelas, por esta razão esse problema social foi denunciado por Conceição Evaristo, sobretudo, no conto protagonizado pela personagem Zaíta; movimento semelhante pode ser observado quando analisamos a naturalidade que os/as personagens secundários/as encaravam o fato de Lumbiá, mesmo tão menino, precisar trabalhar e estar nas ruas vendendo flores, entretendo os casais, ao invés de estar na escola. Aqui encontramos mais uma outra peculiaridade que diferencia Zaíta e Lumbiá: a personagem menina e a sua irmã frequentavam a escola. O conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” discute diversos aspectos executados pela violência de cunho colonial tardo moderna, a comunidade retratada no conto em si, diz muito do legado da colonização. O conto “Lumbiá” já retrata as portas das academias estudantis que são fechadas para a população negra, por denunciar a realidade das crianças negras que não estudam por precisarem trabalhar como adultos para poder contribuir com o sustento da família. Segundo o pesquisador e filósofo Diego dos Santos Reis que pesquisou sobre a necroinfância nas favelas do Rio de Janeiro:

Crianças negras que, entre resistências e negociações, reinventam dinâmicas sociais de pertença, de sobrevivência e de (auto)afirmação da vida como potência que resiste a qualquer negatividade. Longe de ser mera fase de transição, tempo de passagem ou estágio preparatório, a infância, tal como compreendemos, colapsa concepções periódicas ou cronológicas, caixas etiquetadas e linhas do tempo progressivas, prefiguradas (REIS, 2021, p. 16).

Podemos identificar no personagem Lumbiá, o que Reis (2021) observou nas crianças negras que resistem em meio a aridez do asfalto nas comunidades do Rio de Janeiro: a capacidade de resistir à negatividade imposta pela exclusão social, fome e abandono do Estado. No conto Lumbiá, o personagem menino se reinventava nas vendas das flores, com romantismo e bom humor, apesar das dificuldades. Era também um contador de histórias, podemos por esta razão inferir que o menino é o personagem que reflete o alter ego de Conceição Evaristo sob a condição de narrar histórias que fundia a invenção com fatos da realidade. No conto, a narradora revela que Lumbiá “nas histórias que inventava nos momentos de choro [...] tinha sempre um dado real da vida dele ou do amigo Guga que se confundia com a invenção de menino” (EVARISTO, 2015, p. 83). Essa era uma das estratégias para atrair a freguesia. No entanto, se Lumbiá não tivesse sua vida interrompida e se tornasse um adulto, talvez não conseguisse sair

dessa vida de exploração. Já no conto protagonizado por Zaíta, Conceição Evaristo menciona que Benícia e suas filhas e filhos vivenciavam a extrema pobreza pela remuneração ser inviável para o sustento da família. Segundo Pessanha (2018) essa condição de negação de um trabalho estável, do acesso à escola são frutos dos reflexos do necropoder que consiste na colonização tardio moderna:

Ao impor a insígnia da raça e classificá-la como não-humana cria-se uma categorização de seres despossuídos de racionalidade, isso inclui é claro a memória. Dessa forma se nega o passado; apagando o que foi produzido em termos de conhecimento no continente africano, nega-se o presente; anulando as possibilidades de ascensão social e econômica, seja pelo o extermínio dos corpos negros, seja pela negação do acesso à educação e nega-se o futuro; mais uma vez pelo extermínio dos corpos negros e pela estratégia de submeter esse subalternizado à uma cultura e estética impostas pela branquitude que determina como negativo tudo que se refere a cultura e conhecimento negro (PESSANHA, 2008, p. 64).

Averiguando que a morte de Zaíta e Lumbiá não ocorreu de modo acidental, longe disso, foram vítimas da engenhosidade da violência simbólica discutida por Bourdieu (1989). Violência essa que opera reforçando o racismo e a necroinfância, agem, segundo Reis (2021) violando a infância das crianças. Assim como foi o caso do enredo protagonizado por Zaíta essas crianças são [...] alvejadas por balas que não são perdidas, mas direcionadas aos corpos-alvo. (REIS, 2021, p.11). O filósofo e pesquisador então conceitua que: “A necroinfância é a política de morte endereçada ao extermínio de crianças negras [...]” (REIS, 2021, p. 12). Esse extermínio foi direcionado ao personagem Lumbiá à medida que a perseguição do “segurança” o levou a atravessar a rua sem se atentar para o carro que o acerta em cheio. Podemos desse modo asseverar que essa perseguição ocorreu pelo fato desse “agente de segurança” apropriar-se da licença de perseguir o corpo que é considerado matável. Conceição Evaristo, então, denuncia que os agentes de segurança trabalham para a proteção de quem? Como narrado no conto e noticiado em diversos jornais, esses agentes preocupam-se, exclusivamente, com a proteção da vida de sujeitos/as brancos/as. Segundo Fanon (2008):

Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. Eu já não me divertia mais. Não descobria as coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil, mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea... (FANON, 2008. p. 105).

Podemos desse modo, asseverar que o racismo atua excluindo as pessoas negras dos espaços que são dominados pela branquitude, através da violência, seja ela nas faces simbólicas e/ou psicológicas. Por estas circunstâncias, podemos concluir que uma pessoa negra é mais

propensa a ser violentada em qualquer espaço que ocupa. Tanto nas favelas e subúrbios que consistem em territórios de reclusão designados pela sociedade, bem como, quando estão ocupando o território privilegiado pela branquitude. Segundo Reis, a necroinfancia é um: “[...] “problema” que emerge no campo social, as crianças negras são consideradas intrusas, desumanizadas, naturalizadas como excedente na paisagem social que as reduz a refugos do mercado (REIS, 2021, p. 9). Lumbiá e Zaíta são personagens que representam as incontáveis crianças que por serem negras sentem na pele o que não é ter um lugar nesse mundo. Nos seus contos, Conceição Evaristo encena a busca dessas crianças em se encontrarem numa imagem que alcance sua identificação e que as acolham. Discutiremos melhor essa questão no tópico a seguir.

2.1. Zaíta e Lumbiá: crianças-flores na ficção de Conceição Evaristo

Partindo para as semelhanças entre as/os personagens, que são inúmeras, iniciaremos pelo fato de que ambos os personagens analisados nesta pesquisa não possuem a presença do pai, tem mãe, irmãos e irmãs que sofrem da mesma violência e a figura mãe que reproduzem em alguns momentos a violência em virtude de serem alvos dela, essas mães são vítimas da constante preocupação de não conseguirem colocar a comida na mesa, além da solidão e da falta de apoio de um/a companheiro/a e de um Estado que ajude a garantir o seu direito à uma vida digna.

Lumbiá por ter uma personalidade romântica prefere vender flores ao invés dos doces ocasionando uma pauta para que a sua mãe brigasse com ele, pois: “Dizia que flor encalhava, era prejuízo certo. Sempre amanheciam murchas. Amendoim e chicletes não. Lumbiá gostava da florida mercadoria em seus braços” (EVARISTO, 2015, p. 81). Percebemos, então, que o medo do prejuízo perseguia a mãe de Lumbiá, do mesmo modo, a mãe de Zaíta tinha medo de perder o pouco dinheiro que era utilizado para realizar a compra dos poucos mantimentos, no entanto, mesmo diante dessa situação de escassez, não aceitava que o seu segundo filho ajudasse com as despesas com o dinheiro por ser fruto da criminalidade:

Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada. Mas, o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápido e voraz ainda. Benícia, ao dar por falta das meninas, interrompeu os pensamentos. Não ouvia as vozes das duas há algum tempo. Deviam estar metidas em alguma arte. (EVARISTO, 2015, p. 75).

A complexidade que há também nas personagens mães de Zaíta e Lumbiá retrata a ação da violência que apresenta empecilhos entre a relação dessas mães com os seus filhos/as. Diante do contexto de abandono social e da falta do dinheiro essas mães demonstram seus medos,

reproduzindo, muitas vezes, a violência contra os/as filhos/as. Na relação de Zaíta com a sua mãe Benícia, a menina sente medo de voltar para casa, pelo motivo de saber que sua mãe ficou preocupada com sua ausência e que iria brigar com ela; já em Lumbiá, o menino desenvolve uma independência e acaba por vivenciar uma maturidade precoce ainda na infância, de tal modo, mesmo com a sua mãe brigando, decide continuar vendendo as flores nos centros da cidade e sozinho vai à loja Casarão Iluminado. No final do conto, a narradora relembra ao leitor/a que, de fato, Lumbiá é uma personagem criança, inocente e imaginativa, e que apesar de assumir uma vida adulta, a pureza de criança permanece em sua natureza. Zaíta, assim como Lumbiá, também ignora as recomendações da mãe e vai em busca da figurinha-flor:

Zaíta levantou e saiu, deixando os brinquedos espalhados, ignorando as recomendações da mãe. Alguns ficaram descuidadosamente expostos pelo caminho. A linda boneca negra, com seu único braço aberto, parecia sorrir desamparadamente feliz. A menina estava pouco se importando com os tapas que pudesse receber. Queria apenas encontrar a figurinha-flor que tinha sumido. Procurou pela irmã nos fundos da casa e, desapontada, só encontrou o vazio (EVARISTO, 2015, p. 73).

Podemos perceber no trecho acima que Zaíta ignora as recomendações da mãe, visto que, em seu interior habita uma junção de ausências, por este motivo busca na figurinha-flor o consolo, do mesmo modo, ocorre com o personagem Lumbiá, o peito do coração-menino se angustia diante de tantas carências, materiais e afetivas, e do impedimento de vivenciar sua infância. As personagens crianças por estas razões buscam encontrar sentidos nas suas vidas depositando nos objetos um referencial de amor. Na sua obra *Luto e Melancolia* (2006), o psicanalista Sigmund Freud afirma que “o indivíduo em estado de melancolia e vazio procura um objeto para depositar uma expectativa de felicidade e realização para fugir do ego que sentiu a perda de uma parte de si”. Essa dor, segundo Freud, assemelha-se a dor do luto causado pela morte de um ente querido. O luto vivenciado pelo melancólico, segundo o psicanalista, consiste na perda do seu eu que é ativado sem uma razão “aparente”. Freud (2006) afirma que esse estado de melancolia surge oriundo dos traumas e das dores do abandono vivenciado na infância. Como defesa do estado psíquico para suportar as ausências, o íntimo do melancólico desenvolve uma dependência afetiva a um objeto ou pessoa.

No caso de Zaíta e Lumbiá, a dor do luto projetado pelo estado de melancolia era expresso no choro que surgia em momentos aleatórios, como também desenvolveram o amor por seus objetos de modo inesperado. É importante frisar que perante os diversos brinquedos que Zaíta possuía, a menina escolheu depositar na figurinha-flor toda a expectativa de amar e ser amada pela imagem da menina-florida na figurinha. Já Lumbiá deposita seu amor e expectativas no Menino-Jesus, encontrando nesta escultura e na figura do Rei Baltazar, o único

personagem negro no presépio, a compreensão nunca encontrada em suas andanças no centro da cidade. A dificuldade de ter esses objetos em mãos aumentava o desejo de Lumbiá e Zaíta de possuir a companhia desses seres inanimados. Freud (2006) afirma que esse desejo é a energia que ocupa o vazio melancólico temporariamente. No caso dos personagens, o preenchimento desse vazio é alcançado temporariamente, entretanto, interrompido quando a personagem violência entra em cena.

Conceição Evaristo constrói as narrativas apresentando a história de vida das personagens crianças, retratando seus medos, traumas e vulnerabilidades ao leitor, que percebe já no princípio quais são as violências atravessadas nos corpos dessas crianças e os fatores que acarretam a carência e a melancolia. Em Zaíta é mais perceptível essa melancolia, no entanto, apesar da simpatia de Lumbiá é nítido a presença das dores emocionais no personagem. Segundo Antonio Candido (1968), geralmente, a grande potência das personagens, além da verossimilhança transmitida, resulta na caracterização realizadas pelos autores/as. Tais caracterizações, segundo Candido (1968), podem consistir “[...] numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza” (CANDIDO, 1968, p. 55). Conseguimos constatar que as personagens crianças, de Conceição Evaristo, são caracterizados de um modo expressivo e poético e que além de atuarem expressando as peculiaridades das personalidades das personagens crianças, Lumbiá e Zaíta, retrata o universo da infância que entra em contraste com os cenários que são palcos da violência. Apresentaremos, uma vez mais, um trecho que foi discutido no capítulo anterior, no intuito de explorarmos no conto protagonizado por Zaíta os objetos de identificação da personagem:

Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor o minúsculo quadro (EVARISTO, 2015, p. 71).

Podemos observar que apenas neste trecho o conto já anuncia o dilema que a protagonista vivenciará, assim como também aponta que ela é uma personagem criança, e expõe traços da sua personalidade que a diferencia da sua irmã gêmea e do Lumbiá. Consideramos que tais traços consiste na prática involuntária da personagem menina reparar em tudo o que está ocorrendo ao seu redor, Zaíta é atenta, detalhista e por isso ela logo percebe que sua figurinha-flor não está junto com as outras, essa constatação ocorre com a sinestesia que Conceição Evaristo oferece para o/a leitor/a, ao descrever a imagem fixada na figurinha da garotinha carregando flores em seus braços. Desse modo, a autora então aguça a visão do

leitor/a possibilitando que a imaginação flua automaticamente, propiciando a recriação na mente da imagem descrita da tão desejada figurinha-flor da menina Zaíta. Acionando dependendo do/a leitor/ a olfato que pode ser aguçado, uma vez que a autora menciona que a figurinha-flor possui cheiro doce, que é muito comum já termos sentindo em algum momento da vida.

Dentre esses brinquedos que eram espalhados pela casa, compondo um cenário infantil que apresenta um realismo para a história, em virtude de o conto retratar a história de duas crianças que ocupam espaços no cenário central, do enredo: A comunidade. Temos a forte presença da boneca negra que foi quebrada pelas mãos da mãe de Zaíta, a boneca aparece constantemente no conto, dando indícios do que acontecerá com Zaíta no desfecho da história.

Essa reação da mãe de Zaíta de raiva é a pulsão que move a violência personagem deste conto, a fúria dos grupos rivais que desejam dominar o território acerta o corpo de Zaíta, na mesma proporção que a mãe de Zaíta reproduz a violência contra a bonequinha negra, entretanto, a mãe de Zaíta não é a vilã da história, Benícia representa o ser humano que não é perfeito, que nem sempre terá paciência e que age por impulso diante de uma situação de stress extremo, isso traz verossimilhança para a história. Zaíta ignora as ordens da mãe e sai entre os becos em busca da figurinha-flor e quando percebe que está distanciado de casa, decide não voltar com medo de que sua mãe brigue com ela “a menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse” (EVARISTO, 2015, p. 74). A metáfora é uma estratégia da literatura de dizer além do que está posto e a boneca negra destruída por Benícia remete ao ambiente de destruição habitado por Zaíta e sua família. A narradora atribui essa impressão quando descreve que a boneca “parecia sorrir desesperadamente feliz” (EVARISTO, 2015, p. 74), remetendo que a violência estava à espreita e que algo de ruim poderia acontecer a qualquer momento com Zaíta ou Naíta, visto que ambas são esteticamente parecidas com a boneca negra. As balas perdidas que atravessaram o corpo de Zaíta possuem esse poder de destroçar vidas, assim como a boneca negra foi rapidamente despedaçada por Benícia.

A figurinha-flor também foi responsável por transmitir diversas mensagens, assim como a boneca negra, além de ser o objeto de amor de Zaíta, representou seu desejo pela liberdade. Zaíta gostaria de sair por aí com os braços carregados de flores, sendo abraçadas por elas, esse desejo dialoga diretamente com o conto Lumbiá, posto que Lumbiá tinha essa falsa “liberdade” ao andar com a mercadoria florida em mãos, esses eram os momentos em que o menino era feliz, quando se intrometia entre os casais e os observam:

Lumbiá gostava muito de aproximar dos casais semelhantes. Gostava da troca carinhosa que ele às vezes assistia entre esses pares. O beijo era depositado nas mãos, que escorregavam levemente na direção da palma da outra pessoa, ou substituído pela leveza de uma flor-sorriso que se abria na intenção de um lábio a outro” (EVARISTO, 2015, p. 82/83).

Segundo Santos (2018) e Silva (2018), Conceição Evaristo manifesta suas convicções políticas, principalmente para o combate à violência. O fato de o conto narrar a naturalidade que Lumbiá compreende os casais homoafetivos, apresenta uma crítica a todos os atos homofóbicos que assim como o racismo ceifam vidas. Lumbiá celebrava o amor e ao identificar entre casais semelhantes esse sentimento o seu dia se tornava menos triste. A figura do Menino-Jesus representa o amor que Lumbiá buscava nas pessoas e que ele encontra no menino Jesus, o Rei Baltasar, a figura do tio, a representação da cor da sua pele, era o único personagem negro no presépio, esse amor pelo Menino-Jesus pode ser considerado um caminho de fé que Lumbiá estava desenvolvendo, Boechat (2004) no livro: *Espiritualidade e Qualidade de vida*, organizado por Evilázio Francisco Borges Teixeira, é um pesquisador que utiliza os estudos psicanalíticos de Freud, no intuito de enfatizar a existência do mecanismo de recriação humana da figura do pai, vivenciado pelo indivíduo, por mediação da fé. Segundo Boechat (2004), a fé é desenvolvida em decorrência da necessidade de o indivíduo encontrar o pai perdido, no decorrer da trajetória de vida. A espiritualidade e a religião complementam-se por atuarem como campo materializado do inconsciente, que desenvolve a fé, com o objetivo de aliviar as angústias, os medos e as ansiedades, gerada por essa ausência de proteção paterna, presente no interior humano.

O Cristianismo apresenta a figura masculina do pai para seus fiéis, no entanto, Deus pode ser visto e encontrado como a figura de mãe, amigo e menino. Lumbiá desenvolve sua fé crendo na figura do Deus-menino que sofreu as mesmas dores que ele sofre diariamente, e essa fé floresce diante da ausência do pai, tal como Freud e Boechat (2004) afirmam, Lumbiá sofreu a ausência do pai, a incompreensão da mãe e o abandono da sociedade que o invisibiliza e violenta enquanto um menino negro. Por esta razão, podemos inferir que diante dessas carências Lumbiá desenvolve a fé em um Deus.

As mercadorias vendidas por Lumbiá são elementos de caracterização, através do poder da metáfora, podemos realizar uma análise analógica inferindo que os amendoins e os chicletes denotam a doçura de menino que o Lumbiá emana, já as flores além de emanar uma fragrância doce oferece para o/a leitor/a pistas sobre o desfecho da história, devido ao ciclo curto de vida das flores que geralmente desfalecem brevemente e da sua vulnerabilidade de estar exposta para serem amassadas e esmagadas.

Temos nessas metáforas construídas por Conceição de Evaristo, o plano de fundo para adotarmos o conceito das personagens negras dos contos analisados corresponderem às "crianças-flores" na literatura evaristiana, pois assim como as flores serem impossibilitadas de sobreviverem nos territórios arenosos e dominados pela ambição humana. Reis (2021) afirma que no contexto de violência empregado nas metrópoles urbanas, as crianças negras “recusam-se a desaparecer. Teimam em permanecer e em tensionar universalismos, universidades e as tramas cerzidas em solo urbano, explícitas ou por debaixo dos panos, dos sacos pretos que, de tempos em tempos, cobrem os corpos negros caídos no asfalto” (Reis, 2021, p. 7-8). Encontramos em Zaíta e Lumbiá essa teima, esse desejo de acessar e sobreviverem nesses ambientes em que eles se encontravam, ainda que sobreviver para eles fossem desafiar o destino imposto pelo racismo e necropoder. Podemos então, concluir, que por mais que as dores internas batessem sempre à porta, visto que essas crianças haviam passado por outras violências e por esta razão já estarem traumatizadas, trilharam o caminho do amor, na medida em que o desejo pelo encontro da figura da Figurinha-Flor, no caso de Zaíta, e o encontro com o Menino-Jesus e do Rei Baltazar por Lumbiá, simbolizam as vozes de resistência diante dessas dores pulsantes. No entanto, nessa queda de braço, a personagem-violência consome as vidas das personagens crianças que tem os seus sonhos interrompidos na aridez do morro-asfalto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de autoria negra brasileira produzida na contemporaneidade, como discutimos no decorrer deste trabalho, apresenta as personagens crianças negras, possuidoras de uma subjetividade delineada e a sua humanidade valorizada. Ressaltamos esse aspecto da humanização das personagens construídas por Evaristo, uma vez que constatamos que os autores canônicos costumam apresentar essas crianças silenciadas, agressivas, com corpos e mentes sexualizadas, e recorrentemente correspondendo a miniaturas de adultos. Embora, no caso do personagem Lumbiá, a narradora nos revele que desde muito cedo o menino já trabalhava em busca do sustento financeiro para a sua família, ele não deixa de ter os traços que o caracterizam como criança. Comprovamos que as crianças construídas na ficção de Conceição Evaristo em comparação às crianças tratadas pelo cânone possuem suas identidades preservadas como crianças e que a construção dessas personagens dialoga com a ideia de Ferocidade Poética, elaborada por SILVA (2018). Nesse contexto, podemos averiguar os elementos que acompanham o processo de caracterização das personagens: a mercadoria florida nas mãos de Lumbiá e a ânsia de Zaíta em encontrar a figurinha-flor atua, então, ecoando a essência dessas personagens puras, inocentes. Esses elementos de caracterização que funcionam como fio condutor do enredo de Zaíta e de Lumbiá nos inspirou a tecer o conceito de “crianças-flores”.

Segundo Reis (2021) das crianças que falecem no Brasil, vítimas da violência hierarquizada na sociedade, são as negras as que mais morrem. Por esta razão, o filósofo apresenta a necroinfância, visto que o Estado negligencia as medidas protetivas a favor dos corpos das crianças negras e reforça o racismo. O corpo negro, independente do gênero e faixa etária, conforme já mencionado, são vistos como “corpos matáveis” por grande parte da sociedade. A literatura de autoria das escritoras negras funciona como um documento de denúncia, quando encenam as mortes dessas personagens crianças negras. O que diferencia, conforme averiguamos, é a abordagem narrativa dessas personagens, os autores canônicos acabam por reproduzir em suas vozes narrativas o racismo, enquanto as escritoras denunciam de uma forma sensível e comprometida. Candido (2010) em *Literatura e Sociedade* afirma que a literatura corresponde a uma ficção, contudo que reproduz a realidade e os pontos de vistas dos/as autores/as. Essa discussão, nos leva a compreender que a vivência de Conceição Evaristo foi o combustível que a inspirou para construir personagens e cenários tão semelhantes a pessoas e ambientes que conhecemos na vida real. Diante do exposto, encerramos esta pesquisa afirmando que as duas personagens protagonistas dos contos estudados neste trabalho podem ser consideradas crianças-flores, visto que suas vidas foram ceifadas precocemente tal qual as

flores podadas que tem uma existência breve, mas que deixam as suas pétalas perfumadas espalhadas pelo caminho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria. **Duas palavras sobre literatura**; Revista Científica da FASETE, 2007. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2007/1/duas_palavras_sobre_literatura.pdf Acesso em: 01 junho.2022.
- ALVES, Miriam. **Mulher Mat(r)iz**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Nandalaya, 2011.
- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**; posfácio de Milton Hatoum. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CANDIDO, Antonio, **A Personagem de Ficção**, 2. ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1968.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2010.
- CARVALHAL, Tânia Franco, 1943- **Literatura comparada** / Tânia Franco Carvalhal. - 4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 2006
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D' Água**, 1. edição. Rio de Janeiro. Editora Pallas, 2015.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. in: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. vol. ii. l. a. HANNS (coord.). Rio de Janeiro: Imago ed., 2006
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. Educação e Pesquisa, São Paulo 2005 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 31 maio.2022
- LOBATO, Monteiro. Negrinha. In: **Contos completos**. 1- ed. – São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
- PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & Epistemicídio**: As Faces Ontológicas da Morte no Contexto do Racismo. 2018, 98 p. Dissertação (Mestrado - em Metafísica) - Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3477> Acesso em: 02 maio.2022
- Revista Eletrônica CNN. Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/#:~:text=A%20pesquisa%20aponta%20que%20a,m%C3%A9dia%20nacional%2C%20de%2055%25> Acesso em: 23 maio.2022
- REIS, Diego dos Santos. à prova de balas? necroinfâncias cariocas, violência de estado e filosofias da rua. *Childhood & Philosophy*, vol. 17, e61331, 2021, Janeiro-Dezembro Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/5120/512066359033/512066359033.pdf> Acesso em: 15 maio.2022.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais Negras**: Prosa Negro-brasileira contemporânea. 2018.180 f. Tese (Doutorado em Letras) -Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de pós Graduação em estudos literários 2018. Disponível em:<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6717> Acesso em: 20 abril.2022

SILVA, Franciane Conceição da. **Corpos dilacerados**: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras. 2018. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SilvaFC_1.pdf Acesso em: 22 fev.2022

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges, MÜLLER, Marisa Campio SILVA, Juliana Dors Tigre da. **Espiritualidade e Qualidade de Vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.